

REPRESENTAÇÕES RURAIS: MIGUEL TORGA E GRACILIANO RAMOS

Eliseu Ferreira da Silva¹; Francisco Ferreira de Lima²

1. Aluno especial do Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: zeuliso@gmail.com

2. Orientador, Departamento de Letras e Artes, e-mail: lima.franciscoferreira@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Miguel Torga, Ruralismo, Graciliano Ramos

INTRODUÇÃO

Poeta, escritor e dramaturgo, Miguel Torga, foi um dos mais importantes escritores portugueses do século XX. Na introdução a edição brasileira do livro *Contos da Montanha* (1941), o escritor Cid Seixas, diz-nos que “É na temática alimentada pelo rico universo humano de Trás-os-Montes que Torga alcança maior densidade. (...) sua ficção é construída a partir de pedaços vivos da realidade agreste da sua região natal” (SEIXAS, 1996). S. Martinho de Anta vai ser o farol orientador do seu caminho, poeta telúrico, a sua mensagem rompe fronteiras, não se limita a terra-mãe. Sendo um homem universal, entende o telurismo como "a profunda e intrínseca" ligação do homem a terra, em qualquer parte do mundo.

Nos anos 40, a Literatura Portuguesa, livre das amarras da valorização do plano individual e da subjetividade do segundo momento do Modernismo Português debate com o Realismo Socialista já assumido pelo Romance Brasileiro de 30. A ficção de 30 teve em Graciliano Ramos, um dos seus autores mais representativos com o romance *Vidas Secas* (1938), caracterizando-se por adotar uma visão crítica das relações sociais, voltados para os problemas do trabalhador rural, para a seca e a miséria, ressaltando o homem hostilizado pelo ambiente, pela terra, pela cidade.

O objetivo maior dessa pesquisa é analisar, pontuar, estudar, refletir, o mundo rural/urbano, descritos nas obras de Miguel Torga e Graciliano Ramos, assim como as suas personagens; comparar a obra de Miguel Torga e o seu mundo rural, em *Contos da Montanha* e *Novos Contos da Montanha*, assim como em *Vidas Secas* de Graciliano Ramos, e a forma como as personagens são representada nessas obras; Observar os contextos em que se apresentam as Literaturas Portuguesa contemporânea e a Literatura Moderna de 30, através de seus autores mais representativos, assim como os modos como os fatos se interligam; Identificar especificidades do ambiente rural nesses dois autores e seus procedimentos estéticos e ideológicos; Representar o mundo rural, não só como espaço físico, mas espaço identitário, onde temos a família, o trabalho, amigos, o lugar onde se vive, e onde nos inserimos enquanto cidadãos na sociedade; Além de tecer conhecimento sobre a obra desses dois importantes autores do século XX, de forma que todos saibam a sua importância para a literatura de seus países e do mundo.

MATERIAIS E MÉTODO

O nosso material de estudo está sustentado nos moldes e métodos da Literatura Comparada, bem como nos *corpora* *Contos da Montanha* e *Novos Contos da Montanha*, de Miguel Torga e *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, não descartada a possibilidade de utilização de outros textos desses autores, pelo menos para consulta, assim como de outros autores que tratem da temática que será abordada na pesquisa, a saber, Representações Rurais: Miguel Torga e Graciliano Ramos.

Inicialmente, havendo necessidade, buscaremos todo e qualquer tipo de informação documental: filmes, fotografias, autobiografias, jornais, revistas, pareceres, dissertações e teses acadêmicas, diários pessoais, e/ou qualquer tipo de mídia será utilizado para um melhor desenvolvimento da pesquisa, assim como sua divulgação.

O método utilizado para tal pesquisa será o da Pesquisa Bibliográfica, ou Histórico-Bibliográfica, onde se faz preferencialmente sobre documentação escrita. O campo, ou local de estudo pode ser caracterizado pelas bibliotecas, pelos museus, pelos arquivos, e pelos centros de memória, onde para tal será utilizado com muita frequência à coleta de informações por meio de fichamento de leituras.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO

Assim como Ramos, os contos de Torga assentam mais em descrições do comportamento humano, das suas emoções e dos seus sentimentos do que em descrições de aspectos paisagísticos, a exemplo, a personagem Maria Lionça, que personifica a ruralidade e a dignidade daquelas mulheres que, apesar de analfabetas, se impunham pelo respeito e pela sua sabedoria popular empírica.

Maria Lionça é uma *Mulher da Montanha*, de Galafura, desde muito nova, o destino lhe reservou uma vida de sofrimento. Mulher corajosa, habituada a resistir à miséria e à desgraça, Maria Lionça atinge o auge do seu sofrimento, quando traz para a aldeia, o seu filho Pedro, já morto, para que pudesse "dormir o derradeiro sono em Galafura". Em *Vidas Secas*, Sinhá Vitória sonha apenas com uma cama de verdade igual à de seu Tomás da Bolandeira, "feito pelo carpinteiro, (...) e um couro cru em cima bem esticado e bem pregado. Ali, um cristão podia esticar os ossos" (RAMOS, 2002).

Contos da Montanha remete o leitor para um espaço situado no interior, onde se percebe o "equilíbrio conseguido entre a dimensão individual, psicológica de cada personagem e a dimensão social" (SEIXAS, 1996) parecido com o que escrevia Graciliano Ramos, que talvez tenha sido o que soube exprimir, com mais sutileza a difícil realidade do homem nordestino sem se deixar seduzir pelo imaginoso da região, fazendo com que o psicológico prevalecesse sobre o social, é o que temos em *Vidas Secas*.

Para Miguel Torga, nenhum deus é digno de louvor: na sua condição onisciente Ihe é muito fácil ser virtuoso, e enquanto ser sobrenatural não se lhe opõe qualquer dificuldade para fazer a Natureza - mas o homem, limitado, finito, condicionado, exposto à doença, à miséria, à desgraça e à morte é também capaz de criar, e é, sobretudo, capaz de se impor à Natureza, como os trabalhadores rurais trasmontanos impuseram a sua vontade de semear a terra aos penedos bravios das serras. E é essa capacidade de moldar o meio, de verdadeiramente fazer a natureza mal grado, todas as limitações de bicho, de ser humano mortal que, ao ver de Torga fazem do homem único ser digno de adoração.

A análise de sua organização é a resposta à questão acerca da possibilidade de resistência pela ficção. Esta circunstância determina *Vidas Secas* como literatura de resistência. As agruras tenebrosas pelas quais passaram os personagens no romance *Vidas Secas* são fatos verídicos, experiências vivenciadas nas grandes secas das décadas de 20 e 30 do século passado.

Maior impacto teve o romance nordestino moderno, nele o homem pobre do campo e da cidade é focado na plenitude de sua condição humana. Assim como em *Vidas Secas*, obra a qual nos dispusemos a trabalhar, Miguel Torga, na verdade nunca perdeu a esperança no ser humano e na força da sua vontade para lutar contra as vicissitudes do destino.

A discussão a respeito desse tema, Representações Rurais: Graciliano Ramos e Miguel Torga se dá por este viés, o da literatura comparada, e como autores tão distintos, escreveram de forma tão magistral e representaram os seus *Sertões*, ou seus *Telurismos*, cada um a seu modo, mais de forma que não teríamos como não traçar comparações entre essas obras.

CONCLUSÃO

Segundo escritos da época (década de 30 e 40), o romance, mais do que a poesia e o conto predominou na Literatura Brasileira, enveredando-se, principalmente, pelo regionalismo e pela abordagem psicológica. Os integrantes da segunda geração modernista,

ou modernismo de 30, não chegaram a causar impacto, dado o relevo social que a revolução ocorrida em outubro daquele ano tinha causado no país.

Os abalos sofridos pelo povo, na década de 30 - a crise econômica, provocada pela quebra da bolsa de valores, a crise cafeeira, a Revolução de 30, o declínio no Nordeste, condicionaram a literatura, a um novo estilo ficcional, perceptivelmente mais adulto, mais amadurecido, mais moderno, que seria marcado pela rusticidade, por uma linguagem mais brasileira, com um enfoque direto nos fatos, por uma retomada do plano naturalista, principalmente, no propósito de uma narrativa documental. Nessa ficção de 30, temos seu auge com o advento do romance nordestino, que correspondeu como nenhum outro aos desejos de liberdade temática e rigor estilístico, e caracterizou-se por adotar uma visão crítica das relações sociais, voltados para os problemas do trabalhador rural, para a seca e para a miséria, ressaltando o homem hostilizado pelo ambiente, pela terra, pela cidade, o homem consumido pelos problemas que o meio lhe impõe.

Para Graciliano, escrever não é qualquer coisa, é colocar a vida no papel, é trabalho e tem que ser sincero. Não basta ter só a técnica, a técnica sem a sinceridade não é nada. Graciliano Ramos teve uma vida agitada, passou por experiências que o marcaram profundamente, como a prisão por perseguição política e, para muitos, ele era considerado um homem amargo, pessimista, franco, quase rude. Percebemos isso claramente no seu romance *Vidas Secas* (1938), assim como também nos livros de contos de Miguel Torga, *Contos e Novos Contos da Montanha*, onde o autor filho de gente do campo, não mais se desliga das origens, da família, do meio rural e da natureza que o circunda.

Mesmo quando não referidos, estão sempre presentes o Pai, a Mãe, o professor primário Sr. Botelho, as fragas, as serranias, a magreza da terra, o suor para dela arrancar o pão, os próprios monumentos megalíticos em que a região é pródiga. O Reino Maravilhoso de Trás-os-Montes, é um dos seus grandes amores. Sempre na sua alma viaja com ele, parece vê-lo em toda a parte. Surge a cada momento na sua prosa. Sempre enaltecida como terra de Deus e dos deuses. Torga, ou urze, planta bravia, humilde, espontânea e com o seu habitat no chão agreste por todo o Portugal, mas particularmente nas serranias do norte, é o correspondente no reino vegetal dessa força que será o poeta e o prosador. Mais que um prenúncio é todo um programa.

Da insubmissão à própria natureza e, em todos os outros planos, humano, político, social, que constituirão a sua obra, plena de força, independência e intransigência. Contra todas as barreiras, vertentes aparentemente contraditórias, mas que se complementam, expõe a sua verdade sem quaisquer restrições na apreciação de pessoas, acontecimentos e fatos; não receia atacar o estabelecido ao mesmo tempo que, não põe de lado conceitos conservadores em que acredita; altera as suas próprias posições desde que a "sua" verdade o exija. No conto muitos veem o cume das suas qualidades como escritor, onde nos *Contos e Novos Contos da Montanha*, ele representa os dramas da vida rural.

O que pretendemos estudar, pontuar e refletir é o universo rural/urbano, animal e humano com as descrições psicológicas das personagens nesses dois autores. O que Graciliano Ramos investiga é o homem vivendo o drama irreproduzível de seu destino, o homem universal.

1. Estava previsto para o primeiro semestre, e foram feitas, atividades de leituras, discussões e fichamentos de textos teóricos selecionados.

2. A *posteriori*, propor-se-ia levantar, ler e fichar a fortuna crítica dos autores a serem trabalhados, culminando em um provável artigo intitulado "*Graciliano Ramos e Miguel Torga: Contextos Diferentes/Mundos Iguais*".

REFERÊNCIAS

- BRAGA, Menquini Hermide. **Resistência para viver**: as estratégias da condição humana a partir de Vidas Secas, em seus Horizontes de Transcendência. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). São Paulo. PUCSP. 2006.
- CABRITA, Maria da Conceição Vaz Serra Pontes. Miguel Torga: “Uma criatura de esperança”. **Revista ACOALFaplp**: Acolhendo a Alfabetização nos países de língua portuguesa, São Paulo, ano 2, n. 4, 2008. Disponível em: <<http://www.mocambras.org>> e ou <<http://www.acoalfaplp.org>>. Publicado em: março 2008.
- LIMA, Marcos Hidemi de. **Mulheres de Graciliano**: configurações femininas em São Bernardo, Angústia e Vidas Secas. Dissertação (Mestrado em Literatura) UEL. Londrina. 2006. 143p.
- MOISÉS, Massaud. **O conto português**. São Paulo: Cultrix, 1995.
- Massaud. **A literatura portuguesa**. 29 ed. São Paulo: Cultrix, 1999.
- RAMOS, Graciliano./ Seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico e exercícios por Vivina de Assis Viana. —São Paulo: Abril Educação, 1981 (**Coleção Literatura Comentada**)
- RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 85ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- SARAIVA, Antonio José; LOPES, Óscar. **História da literatura portuguesa**. 17ed. Porto, 1996. P. 1011 a 1015.
- SEIXAS, Cid. Os sonhos do sujeito e sua construção social. In: TORGA, Miguel. **Contos da Montanha**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1996. p.1-8.
- TORGA, Miguel. **Contos da Montanha**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1996.
- VASCONCELOS, Francisco Fábio Pinheiro de. **Hora do recreio**: O mundo encantado de Alexandre e (seus) outros heróis. Dissertação (mestrado em Letras e Linguística). Salvador-UFBA, 1997.